

# NOSSOS MESTRES

## Guardiã dos Direitos Humanos

Mulher, negra, formada em história e doutora em museologia, a professora da UnB Deborah Silva Santos sabe que o passado diz muito sobre a sociedade de hoje e abre janelas importantes para a construção do futuro, assim como a escola e a universidade

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

» MARIANA NIEDERAUER

A memória não deixa morrer aquilo que de mais fundamental permeia uma cultura, uma vivência, a história de uma nação. Esse aprendizado a professora Deborah Silva Santos carrega desde as origens e durante toda a trajetória acadêmica. Mulher, negra, formada em história e doutora em museologia, ela sabe que o passado diz muito sobre a sociedade hoje e abre janelas importantes para a construção do futuro. Hoje, além de professora, assume a tarefa de coordenar a recém-criada Secretaria de Direitos Humanos da Universidade de Brasília (UnB).

O que ela descreve como o início da militância no movimento negro ocorreu logo na entrada na graduação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). “Tínhamos um grupo de alunos negros. Eu fui convidada para uma reunião em que todo mundo estava discutindo sobre a ausência de estudantes negros. Éramos muitos, mas cada um num curso diferente. Então, todo mundo era único nos seus cursos”, relembra.

O ensinamento sobre a importância de compartilhar ideias e desafios é repassado até hoje aos alunos. “Eu falo muito com meus alunos que a gente só sobrevive na universidade se tiver um grupo, uma comunidade. Sozinho, a gente não faz”, diz. “Foi nesse sentido que criamos um grupo dentro da universidade (PUC-SP), buscando o aumento



de vagas, e não só isso. Na nossa universidade a gente pedia mais bolsas de estudo, já que era uma universidade particular, mas a gente buscava na verdade na época de vestibular, que não tinha vagas para todo mundo, um ensino público e gratuito. Foi essa a minha entrada no movimento negro enquanto militante”, relata.

Nascida no bairro de Santana, Zona Norte de São Paulo, ainda criança mudou-se para São Bernardo do Campo. O pai, jornalista, era exceção entre uma maioria de trabalhadores do setor metalúrgico. “Eu vim de uma família que sempre colocou e entendeu a questão do racismo. A questão de como éramos vistos diferente e a história de como você tem que sobreviver nesse

espaço e entender como funciona o racismo. Vim de uma família que sempre teve essa preocupação”, destaca a professora.

Filha “do meio”, Deborah reúne memórias que dão conta da raiz do racismo que invadia o cotidiano da família. “Meu pai sempre com muitos livros e a minha mãe colocando como é que a gente sobreviveria. Não era uma questão de militância, mas pontos individuais: ‘Saia sempre com documento, porque você pode ser preso pela polícia’, principalmente meu irmão. ‘Você tem que estar sempre bem vestido para não ser confundido’”, elenca, referindo-se ao caçula, Silas Silva Santos.

Diante da origem, ela se considera também uma exceção. O pai, Waldemar Silva Santos,

conseguiu concluir o ensino superior em publicidade e propaganda depois que a profissão original e que sempre seguiu, a de jornalista, foi oficialmente criada, já com os filhos nascidos. Bem vestido, jornal, caderneta de anotações e uma caneta na mão, ele se apresentava ao mundo e aos filhos como referência da importância da leitura e da educação. A mãe, Antonia Silva Santos, também. Tinha apenas o equivalente ao ensino médio. Anos depois, já na terceira idade, concluiu a graduação em sociologia e completou o ciclo de integrantes da família com um diploma na mão.

“A leitura em casa foi uma coisa que a gente sempre teve. E a educação sempre foi entendida como a possibilidade que

### História do museu

O Masp foi fundado em 1947, por Assis Chateaubriand, que convidou o crítico e marchand italiano Pietro Maria Bardi para dirigir o museu, e Lina Bardi para desenvolver o projeto arquitetônico e expográfico. Sua primeira sede foi instalada na Rua Sete de Abril. Em 1968, o museu foi transferido para a Avenida Paulista, em projeto assinado por Lina e que se tornou um marco na história da arquitetura do século 20.

tínhamos de melhoria de vida. E é a que eu tenho até hoje”, observa Deborah, com olhar generoso. A chegada à graduação, portanto, ocorre nesse contexto de esclarecimento. “Estávamos em meio à ditadura militar. Então, a universidade era aquele local de movimentação e de discussões o tempo todo, de renascimento, e ao mesmo tempo de reorganização do movimento negro.”

Hoje, a militância não se dá mais dentro de um grupo organizado, como à época da graduação e do mestrado na PUC. “A gente sai para as nossas lutas individuais. Quando eu passei a dar aula, eu não fazia parte de nenhum grupo, mas a minha militância era (é) a formação de estudantes: trazer discussões para dentro da